

EDUCAÇÃO FINANCEIRA E A GESTÃO DO ORÇAMENTO FAMILIAR

FEVEREIRO 2018



SOMENTE QUATRO EM CADA DEZ BRASILEIROS CONVERSAM FREQUENTEMENTE SOBRE O ORÇAMENTO FAMILIAR



Até que ponto o modo como cada um de nós lida com suas finanças é algo estritamente pessoal? Famílias deveriam tomar decisões financeiras sempre de forma compartilhada? Para boa parte dos brasileiros, conversar sobre dinheiro e decidir conjuntamente as despesas de casa não chega a ser um problema. Porém, quando se trata dos gastos pessoais, a questão não é tão simples.

A pesquisa 'Educação Financeira e a Gestão do

Orçamento Familiar', feita pelo SPC Brasil e pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL), mostra que muitas pessoas não estão dispostas a revelar para o parceiro ou familiares todas as informações a respeito das despesas mensais, talvez por imaginar que isso signifique, de certo modo, abrir mão de sua privacidade ou autonomia. O objetivo do estudo é entender como as famílias administram suas finanças, incluindo comportamentos, tomadas de decisão e conflitos ligadas ao uso do dinheiro.



57% GARANTEM QUE AO MENOS UM MORADOR DA CASA PREJUDICA COM FREQUÊNCIA O ORÇAMENTO FAMILIAR

Toda unidade familiar, independente da quantidade ou faixa etária dos integrantes, do perfil de gastos ou da renda salarial, concentra hábitos e comportamentos diversos que podem afetar a rotina de todos na casa. Debater sobre as contas e o uso do dinheiro no dia a dia, então, deveria ser algo visto com naturalidade, mas nem sempre isso acontece: embora 82,4% garantam que **costumam conversar sobre o orçamento com os demais moradores da residência**, apenas 43,7% o fazem **frequentemente**.

Outros 22,9% conversam, mas apenas quando a situação financeira não está muito boa, enquanto 15,8% preferem conversar antes de ter um problema.

Ao mesmo tempo, 17,6% admitem que não **costumam falar a respeito do orçamento familiar** – seja por não acharem necessário (6,0%), seja por que sempre dá briga e por isso evitam (6,0%).

Tendo em vista a **divisão das contas entre os familiares**, a maior parte informa que **apenas um morador arca com todas as despesas** (33,1%), ao passo em que em 20,4% dos casos **as contas são divididas igualmente entre os moradores que possuem renda**; outros 17,0%, por sua vez, dizem que **as contas são divididas de acordo com os rendimentos/salário entre os moradores que possuem renda**.

Cinco em cada dez pessoas ouvidas **tomam as decisões sobre o que comprar para a casa em conjunto com os familiares** (52,1%). Além, disso, em 25,2% dos casos as possibilidades são discutidas, mas a decisão final geralmente é tomada por apenas um morador. Para 22,7% não há discussão sobre os gastos familiares, sendo que 11,0% concentram as decisões em apenas um morador e 11,7% afirmam que cada um gasta de acordo com sua necessidade.



23% NÃO DECIDEM OS GASTOS FAMILIARES EM CONJUNTO COM OS DEMAIS MORADORES DA CASA



Talvez o diálogo sobre o uso do dinheiro e as finanças não fosse tão determinante se todos na casa respeitassem o limite financeiro da família, mas não é bem assim, pois praticamente seis em cada dez entrevistados **consideram que há moradores na residência que prejudicam com frequência o orçamento familiar** (57,0%), sobretudo na Classe C/D/E (61,8%).

Entre os que mais prejudicam estão o **próprio respondente** (19,7%, aumentando para 22,1% na Classe C/D/E), o **companheiro (a)** (14,8%) e os **filhos** (11,8%). Por outro lado, em 43,0% dos lares, **ninguém gasta mais do que deveria** (aumentando para 58,0% entre os mais velhos e 59,9% na Classe A/B).

24,6% das pessoas ouvidas garantem que **nunca sobra dinheiro**, depois de acertar as contas mensais da casa (aumentando para 38,5% entre os mais velhos). Outros 20,0%, quando isso ocorre, **deixam o dinheiro guardado para os gastos do próximo mês** (aumentando

para 27,1% na Classe A/B), enquanto 15,8% **colocam o dinheiro na poupança/investimentos da família** e 15,3% **utilizam os recursos para algum gasto pessoal**.

De acordo com o educador financeiro do Meu Bolso Feliz, José Vignoli, falar aberta e constantemente sobre o orçamento da casa é o primeiro passo para evitar problemas financeiros: “Famílias são grupos complexos, pois cada indivíduo pode ter necessidades, gostos e hábitos diferentes, e quando não há diálogo, a tendência é que surjam divergências e despesas excessivas. Como é que um filho vai saber se está prejudicando as finanças da casa, por exemplo, se ele não foi avisado sobre o limite de gastos? A honestidade e a clareza são muito importantes e as conversas sobre dinheiro precisam ser regulares. Somente assim é possível ter uma vida financeira familiar equilibrada, sem surpresas ruins e com a possibilidade de planejar-se a fim de realizar metas conjuntas ou individuais”.

43% DOS CASADOS SÓ INFORMAM AOS CÔNJUGES SOBRE PARTE DAS COMPRAS E 48% JÁ BRIGARAM POR DINHEIRO



Viver de forma saudável com outra pessoa pressupõe compartilhar sonhos, expectativas e planos diversos, sem, contudo, abrir mão de certo grau de individualidade. É um exercício complexo e cada casal adota um arranjo específico, com maior ou menor possibilidade de abertura. Entre os brasileiros casados, 86,9% **sabem quanto seu cônjuge ganha por mês**, sendo que 50,7% **sabem exatamente** (com queda de 10,1 p.p. em relação a 2016) e 36,3% **sabem um valor**

aproximado. Entretanto, 11,3% admitem **não ter conhecimento** dos valores.

A pesquisa indica reciprocidade a respeito deste tema, já que 89,7% dos cônjuges **sabem quanto o entrevistado ganha por mês**, sendo que 53,7% **sabem exatamente** e 36% **sabem um valor aproximado** (com aumento de 12,4 p.p. em relação a 2016). Contudo, 6,1% dos cônjuges **não sabem**, sendo que 4,9% **nunca perguntaram**.

Praticamente nove em cada dez entrevistados **informam ao parceiro as contas que pagam no mês** (88,1%, aumentando para 94,6% na Classe A/B), sendo que 66,4% **informam todas as contas** (aumentando

para 75,5% entre os homens) e 21,6% **apenas as contas da família, mas não as particulares** (aumentando para 28,0% entre as mulheres). Somente 5,2% da amostra dizem **não informar nenhum tipo de conta**.

INFORMA AO CÔNJUGE SOBRE AS CONTAS QUE PAGA NO MÊS

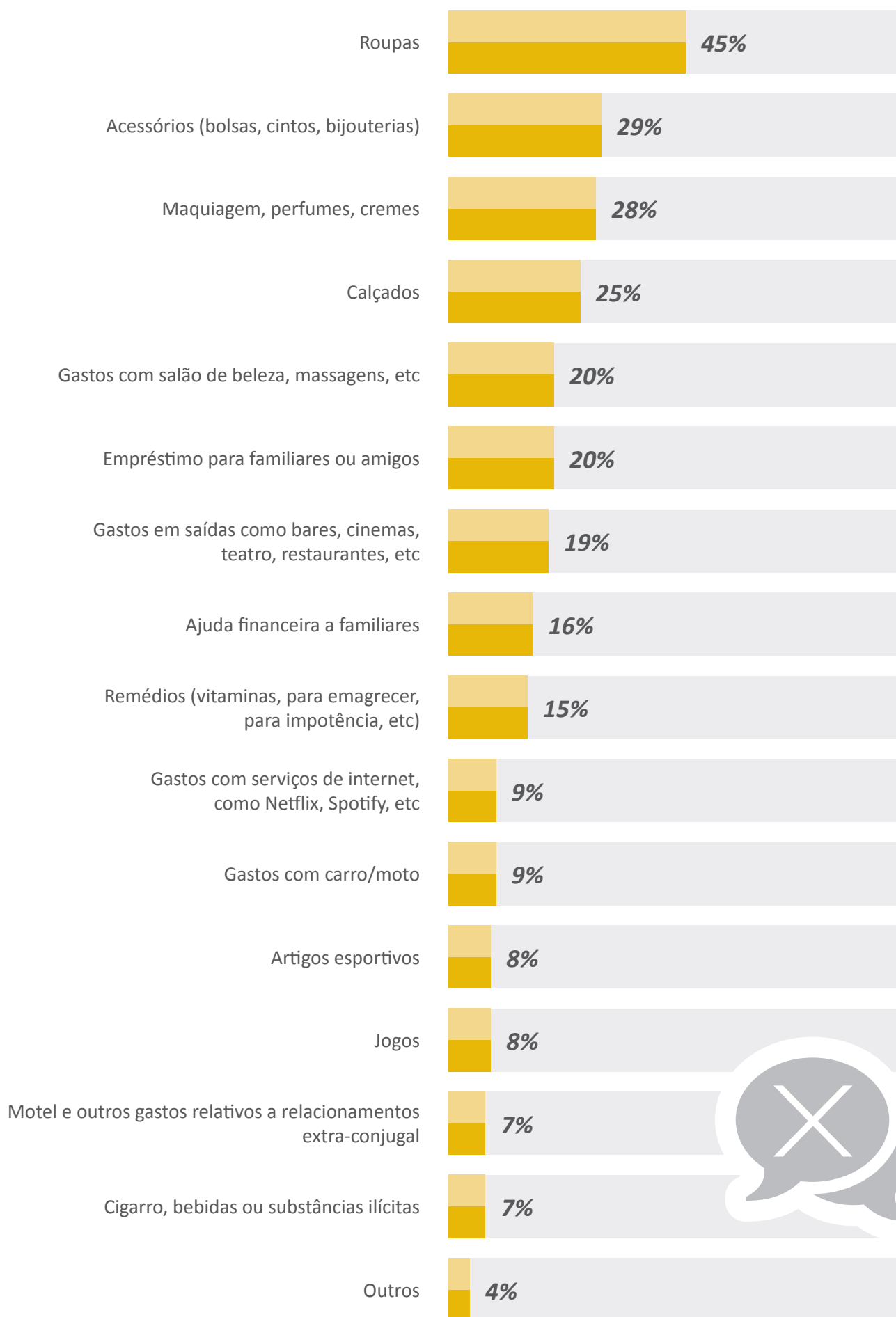


A pesquisa sugere ainda que os hábitos de consumo podem ser um tema delicado entre parte expressiva dos entrevistados casados ou em união estável: 52,1% **contam sobre todas as compras para o cônjuge** (aumentando para 61,0% entre os homens e 63,9% na Classe A/B), mas outros 43,5% optam por **informar somente algumas compras e 5,2% não falam sobre nenhuma compra**.

Nestes casos em que nem todas as contas são informadas ao cônjuge, 44,6% costumam **omitir os gastos** quando compram **roupas**, enquanto percentuais semelhantes fazem o mesmo ao adquirir **acessórios** (28,6%, aumentando para 43,9% entre as mulheres), **maquiagens, perfumes e cremes** (28,5%, aumentando para 43,5% as mulheres) e **calçados** (25,3%).



QUAIS COMPRAS NÃO TEM O COSTUME DE CONTAR AO CÔNJUGE





25%

NÃO CONTAM TODAS AS COMPRAS POR CONSIDERAR QUE TÊM PRIORIDADES DIFERENTES DO CÔNJUGE E TENTAM CONCILIAR OS DESEJOS PESSOAIS COM OS DA FAMÍLIA SEM CONFLITOS

Quais seriam, então, as razões para proceder desta forma? Por que algumas pessoas preferem contar tudo, enquanto outras mantêm os gastos pessoais em segredo? As justificativas revelam um misto de preocupação com a privacidade e escolhas divergentes, ao mesmo tempo em que alguns tentam evitar desentendimentos: 25,3% não contam por considerar que **têm prioridades diferentes do cônjuge, tentando, dessa forma, conciliar os desejos pessoais com os da família sem causar conflitos**. Outros 21,8%, por sua vez, acreditam que **o cônjuge não entenderia suas necessidades e não querem abrir mão de viver como acham que devem**, enquanto a mesma proporção deseja **evitar brigas** (21,8%).



Pouco mais da metade dos entrevistados casados **sentem que o cônjuge não interfere nas compras pessoais** (53,7%, com queda de 11,9 p.p. em relação a 2016, aumentando para 61,6% entre as mulheres e 66,4% na Classe A/B). No entanto, 22,7% percebem que **ele (a) fica incomodado (a), mas não interfere**, enquanto 16,8% **sentem que o companheiro (a) controla suas compras** (aumentando para 20,0% na Classe C/D/E).

Não raro, o aspecto financeiro acaba se tornando fonte de estresse entre os casais, uma vez que 47,7% admitem **já ter brigado por causa de dinheiro**, sendo que 38,9% fazem isso às vezes e 8,8% frequentemente. Em contrapartida, 52,3% **nunca brigaram por causa de dinheiro**. Neste caso, 46,7% dizem que **o casal concorda com a forma que lidam com as finanças**, enquanto 5,6% **não conversam sobre o assunto**.

Considerando os **principais motivos de desentendimento com as contas da casa**, 46,5% admitem brigar por **gastos além das condições financeiras**, enquanto 31,9% alegam **discordâncias**

sobre os gastos de casa (aumentando para 45,5% na Classe A/B) e 28,4% mencionam o **atraso no pagamento das contas**.

PRINCIPAIS MOTIVOS DAS BRIGAS CONJUGAIS RELACIONADAS A DINHEIRO



45,9% dos entrevistados casados ou em união estável acreditam ser **eles mesmos os que têm mais cuidado com o controle das finanças em casa**. Porém, outros 26,1% atribuem esse papel ao **cônjuge**, especialmente na Classe C/D/E (30,1%), ao passo em que 26,7% consideram que os dois (o **entrevistado e o cônjuge**) **são controlados**.

Certas pessoas preferem manter informações financeiras em segredo, além de relutarem em compartilhar todos os seus hábitos de consumo, mas a maioria dos casais costuma ao menos discutir seus planos e metas para o futuro, embora nem sempre as ideias saiam do papel. Praticamente sete em cada dez respondentes afirmam que o casal **tem planejamento**

de vida para os próximos 5 anos (68,4%, aumentando para 76,1% entre os homens e 80,6% na Classe A/B), sendo que 38,9% **estão respeitando esse planejamento para atingir a meta** (aumentando para 53,5% na Classe A/B) e 29,6% **não estão fazendo nada concreto para atingir a meta**. Além desses, 31,6% **não têm planejamento**, sobretudo as mulheres (38,8%) e os que pertencem à Classe C/D/E (36,1%).

Dentre os casados, seis em cada dez cônjuges **têm conhecimento acerca das reservas financeiras que o entrevistado possui** (57,6%, aumentando para 70,0% na Classe A/B), enquanto 12,4% **não sabem**. Vale acrescentar que 30% dos respondentes **não possuem investimentos/aplicações**.

Assim como ocorre em relação aos ganhos, aqui também há reciprocidade, ou seja: 74,2% **sabem que o cônjuge possui reservas financeiras**, sobretudo na Classe A/B (82,6%), sendo que 31,2% **sabem de todos os valores** e 22,2% **não sabem ao certo quanto há**. Outros 25,8% **ignoram se o parceiro guarda dinheiro**, principalmente na Classe C/D/E (28,9%).

Ao lado da ausência de planejamento, algumas vezes os gastos excessivos são uma ameaça ao orçamento da casa: 32,3% **costumam gastar mais do que podem para satisfazer as vontades do cônjuge** (aumentando para 54,3% entre os mais jovens), sendo que 12,6% o fazem porque **têm dificuldade em negar o pedido dele (a)** e 9,9% porque **querem agradá-lo (a), não importando se**

farão dívidas. Por outro lado, 64,8% **não extrapolam o orçamento para agradar o cônjuge**, e gastam apenas aquilo que podem.



32%

COSTUMAM GASTAR MAIS DO QUE PODEM PARA SATISFAZER AS VONTADES DO CÔNJUGE



Como se vê, a pesquisa indica que nem sempre os brasileiros lidam naturalmente com questões relacionadas ao uso do dinheiro e ao orçamento. Ainda que cada família deva encontrar soluções próprias, um mínimo de transparência parece ser fundamental para evitar atritos e desgastes nos relacionamentos.

Quando a visão sobre o dinheiro e o modo de conduzir as finanças do casal é muito diferente, inevitavelmente surgirão divergências: um quer poupar, o outro quer

realizar desejos de consumo, por exemplo. Na verdade, essas metas não são necessariamente excludentes. Um bom planejamento e acordo sobre os gastos é capaz de incluir objetivos diversos, incluindo a reserva financeira e uma quantia destinada a compras diversas, desde aquelas do dia a dia até as mais significativas e de maior valor. O mais importante é que a família mantenha o diálogo aberto, a cooperação e caminhe na mesma direção, ou seja: que todos assumam responsabilidades e ajam de acordo com sua realidade financeira.

CONCLUSÕES







GESTÃO DO ORÇAMENTO FAMILIAR

- » 82,4% garantem que costumam conversar sobre o orçamento familiar com os demais moradores de sua residência, mas apenas 43,7% o fazem frequentemente. Outros 22,9% conversam, mas apenas quando a situação financeira não está muito boa, enquanto 15,8% preferem conversar antes de ter um problema. 17,6% admitem que não costumam falar a respeito do orçamento.
- » Tendo em vista a divisão das contas entre os familiares, a maior parte informa que apenas um morador arca com todas as despesas (33,1%), ao passo em que em 20,4% dos casos as contas são divididas igualmente entre os moradores que possuem renda; outros 17,0%, por sua vez, dizem que as contas são divididas de acordo com os rendimentos/salário entre os moradores que possuem renda.
- » 52,1% tomam as decisões sobre o que comprar para a casa em conjunto com os familiares. Além disso, em 25,2% dos casos as possibilidades são discutidas, mas a decisão final geralmente é tomada por apenas um morador. Para 22,7% não há discussão sobre os gastos.
- » 57,0% consideram que há moradores na residência que prejudicam com frequência o orçamento familiar. Entre os que mais prejudicam estão o próprio respondente (19,7%), o companheiro (a) (14,8%) e os filhos (11,8%). Por outro lado, em 43,0% dos lares, ninguém gasta mais do que deveria.
- » 86,9% sabem quanto seu cônjuge ganha por mês. Entretanto, 11,3% admitem não ter conhecimento dos valores. De forma recíproca, 89,7% dos cônjuges sabem quanto o entrevistado ganha por mês. Contudo, 6,1% dos cônjuges não sabem.

- » 88,1% informam as contas que pagam no mês ao parceiro, sendo que 66,4% informam todas as contas e 21,6% apenas as contas da família, mas não as particulares. Somente 5,2% da amostra dizem não informar nenhum tipo de conta.
- » 52,1% contam sobre todas as compras para o cônjuge, mas outros 43,5% optam por informar somente algumas e 5,2% não falam sobre nenhuma compra. Nestes casos em que nem todas as compras são informadas, 44,6% omitem os gastos quando compram roupas, enquanto percentuais semelhantes fazem o mesmo ao adquirem acessórios (28,6%), maquiagens, perfumes e cremes (28,5%) e calçados (25,3%).
- » 25,3% não contam por considerar que têm prioridades diferentes do cônjuge, tentando, dessa forma, conciliar os desejos pessoais com os da família sem causar conflitos. Outros 21,8% acreditam que o cônjuge não entenderia suas necessidades e não querem abrir mão de viver como acham que devem, enquanto a mesma proporção deseja evitar brigas (21,8%).
- » 47,7% admitem já ter brigado com o parceiro por causa de dinheiro. Em contrapartida, 52,3% nunca brigaram por esse motivo.
- » Considerando os principais motivos de desentendimento com as contas da casa, 46,5% admitem brigar por gastos além das condições financeiras, enquanto 31,9% alegam discordâncias sobre os gastos de casa e 28,4% mencionam o atraso no pagamento das contas.
- » 45,9% dos entrevistados casados ou em união estável acreditam ser eles mesmos os que têm mais cuidado com o controle das finanças em casa. Porém, outros 26,1% atribuem esse papel ao cônjuge, ao passo em que 26,7% consideram que os dois (o entrevistado e o cônjuge) são controlados.
- » 68,4% afirmam que o casal tem planejamento de vida para os próximos 5 anos, sendo que 38,9% estão respeitando esse planejamento para atingir a meta e 29,6% não estão fazendo nada concreto para atingir a meta. Além desses, 31,6% não têm planejamento.
- » 74,2% sabem que o cônjuge possui reservas financeiras.
- » 32,3% costumam gastar mais do que podem para satisfazer as vontades do cônjuge. Por outro lado, 64,8% não extrapolam o orçamento para agradar o cônjuge.



METODOLOGIA

PÚBLICO-ALVO	MÉTODO DE COLETA	TAMANHO AMOSTRAL DA PESQUISA	DATA DE COLETA DOS DADOS
 <p>Residentes em todas as capitais brasileiras, com idade igual ou superior a 18 anos, ambos os sexos e todas as classes sociais.</p>	 <p>Pesquisa realizada via web e pós-ponderada considerando sexo, idade, escolaridade, classe e região do país.</p>	 <p>805 casos, gerando margem de erro no geral de 3,5 p.p. para um intervalo de confiança a 95%.</p>	 <p>10 a 22 de novembro de 2017</p>



